



USO DE PESQUISAS PARTICIPATIVAS, DE INTERVENÇÃO E GRUPOS FOCAIS EM SAÚDE COM PESSOAS LGBTI+: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

USE OF PARTICIPATORY, INTERVENTION AND FOCUS GROUP SURVEYS ON HEALTH WITH LGBTI+ PEOPLE: AN INTEGRATIVE REVIEW

Ilana Moraes dos Santos¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4700-1417>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9516292991976306>

Universidade Estadual de Goiás, UEG, Brasil

E-mail: ilana_moraes@hotmail.com

José Francisco de Sousa²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1890-7933>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4588079979758299>

Universidade Católica de Brasília, UCB, DF, Brasil

E-mail: francisco1965@gmail.com

Uguiarlem Ribeiro Durães³

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4950-7705>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4518496037087671>

Universidade de Brasília, UnB, DF, Brasil

E-mail: uguiarlem@gmail.com

RESUMO

Introdução: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais só foram notados pelas políticas de saúde com o advento da epidemia do HIV e da Aids e se tornou caso de saúde pública. Em 2013, é lançada a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), instituída pela Portaria nº 2.836 e é também um marco histórico de reconhecimento de suas demandas em condição de vulnerabilidade. **Objetivo:** Levantar os estudos desenvolvidos à base das pesquisas participativas, de intervenção e grupos focais que tratem da temática

¹ Fisioterapeuta da APE de Goiânia e do Hospital Materno Infantil Dr. Jurandir do Nascimento (Goiânia-GO), especialista em fisioterapia hospitalar com ênfase em Terapia Intensiva.

² Formado em História, Letras, Pedagogia, Administração, Direito, Biologia e Geografia. Especialista em Análise do Comportamento, Psicodrama, Terapia Cognitivo Comportamental, Terapia Clínica. Mestre em Educação. Doutorando em Psicologia (UCB). Professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

³ Terapeuta ocupacional na APAE de Unaí-MG, especialista em direitos humanos e ressocialização, em saúde da população em situação de rua, com ênfase na população negra. Fez residência multiprofissional em saúde da família e comunidade. Mestrando em Saúde Coletiva (UnB).



da saúde da população LGBTI+. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de revisão integrativa de literatura. A busca e a leitura ocorreram entre os meses de abril/2021 a maio/2021 nas bases de dados *PubMed*, *Embase*, *Web of Science*, Portal Regional da BVS, *Cochrane*, Google Acadêmico, com descritores: “pessoas LGBT” AND “pesquisa participativa baseada na comunidade” OR “saúde das minorias”. A busca pelo material ocorreu em quatro etapas: a primeira foi a busca através dos descritores, onde foram encontrados 614 artigos; a segunda fase aplicaram-se os filtros – idioma (português, inglês e espanhol), tipo de estudo (pesquisa qualitativa), e intervalo de tempo (últimos 5 anos – 2016 a 2021), diminuindo para 228 artigos; na terceira fase, fez-se uma análise minuciosa dos títulos que eram compatíveis com o objetivo desta revisão e, em seguida, realizou-se a leitura dos resumos para confirmar essa compatibilidade acordo com os critérios de inclusão: tinha que ser uma pesquisa participativa, pesquisa intervenção, grupos focais e que envolvessem pessoas LGBTI+. **Resultados:** Foram selecionados 26 artigos, os demais foram excluídos porque não eram pesquisas direcionadas às pessoas LGBTI+, fora do intervalo de tempo estimado, ou outro tipo de estudo. **Conclusão:** As abordagens utilizadas pelos autores são de suma importância, o grande desafio da aplicabilidade variaria de contexto e território, visto que a maioria das pesquisas selecionadas não eram de literatura nacional. Pensando nas dificuldades da aplicabilidade e reprodução no Brasil seria um desafio, visto que a população LGBTI+, mesmo com uma política específica, ainda são estigmatizadas, tem seus direitos lesados, e diariamente são tratados de formas desumanas e desiguais.

Palavras-chave: Pessoas LGBT. Pesquisa Participativa Baseada na Comunidade. Saúde das Minorias.

Abstract

Introduction: *Lesbians, Gays, Bisexuals, Transvestites and Transsexuals were only noticed by health policies with the advent of the HIV and AIDS epidemic and became a case of public health. In 2013, the National Policy for the Comprehensive Health of Lesbians, Gays, Bisexuals, Transvestites and Transsexuals (LGBT) was launched, instituted by Ordinance No. 2,836 and is also a landmark in recognizing their demands in conditions of vulnerability.* **Objective:** *To survey the studies developed based on participatory research, intervention and focus groups that address the health issue of the LGBTI + population.* **Methodology:** *This is an integrative literature review study. The search and reading took place between the months of April / 2021 to May / 2021 in the databases PubMed, Embase, Web of Science, VHL Regional Portal, Cochrane, Google Scholar, with descriptors: “LGBT people” AND “participatory research community-based” OR “minority health”. The search for the material took place in four stages: the first was the search through the descriptors, where 614 articles were found; the second phase applied the filters - language (Portuguese, English and Spanish), type of study (qualitative research), and time interval (last 5 years - 2016 to 2021), decreasing to 228 articles; in the third phase,*



*there was a thorough analysis of the titles that were compatible with the purpose of this review, and then the abstracts were read to confirm this compatibility according to the inclusion criteria: it had to be a participatory research, intervention research, focus groups and involving LGBTI + people. **Results:** 26 articles were selected, the rest were excluded because they were not surveys aimed at LGBTI + people, outside the estimated time interval, or another type of study. **Conclusion:** The approaches used by the authors are of paramount importance, the great challenge of applicability would vary in context and territory, since most of the selected researches were not from national literature. Thinking about the difficulties of applicability and reproduction in Brazil would be a challenge, since the LGBTI + population, even with a specific policy, are still stigmatized, have their rights harmed, and are daily treated inhumane and unequal ways.*

Keywords: LGBT people. Participatory Community-Based Research. Minority Health.

INTRODUÇÃO:

Ao analisarmos a trajetória de luta pelo livre direito à expressão da orientação sexual e a identidade de gênero no Brasil, na busca pela ruptura com a visão binária e biológica, especificamente em referência às populações de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTQ+), foi percebido que, ao longo da história, este grupo social foi (lê-se ainda são) sistematicamente excluído, ou simplesmente censurado, devido aos aspectos machistas originários da estrutura patriarcal que envolve a sociedade, as quais vivem, que dentre muitas coisas, regula as relações afetivo-sexuais¹.

O Brasil é um dos países que mais se matam pessoas por questões de gênero, identidade de gênero, orientação sexual, raça, etnia e classe social. Segundo os indicadores do SUS, no período de 1980 a 2005, foram assassinados 2.511 homossexuais no Brasil, sendo que a maior parte dos crimes ocorreu por motivos homofóbicos².

O Grupo Gay da Bahia³ traz em seu relatório anual de 2018 alguns dados: “A cada 20 horas um LGBT morre de forma violenta vítima da LGBTfobia, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais”. 420 LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) morreram no Brasil em 2018 vítimas da homolesbotransfobia. A cada 20 horas um LGBT é barbaramente assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde há pena de morte contra os LGBT.

Essa população começou a ter sua ascensão quando houve a revolução de Stonewall em 1969, em 1970 surgem os movimentos sociais (movimento SOMOS, primeiro coletivo gay do Brasil), em 1980 teve um marco (HIV; AIDS). E no perpassar dos anos outras conquistas importantes como a despatologização



(retirada do termo homossexualismo da CID – Classificação Internacional de Doenças), e é na entrada do Governo Lula que se tem uma ampliação de programas, criações de secretarias para esta população. Nesse meio tempo, também tivemos as Conferências LGBT sendo a 3ª no ano de 2016, e a 4ª que estava prevista para o ano de 2019, e não ocorreu como esperado devido há um Governo com visão contraditórias, tornando-se assim um tema mais complicado e encorajador⁴.

Diante dessa realidade, o Ministério da Saúde reconhece que a identidade sexual e a identidade de gênero são constituintes de um processo complexo de discriminação e de exclusão, do qual derivam os fatores de vulnerabilidade, tais como “a violação do direito à saúde, à dignidade, à não discriminação, à autonomia e ao livre desenvolvimento”².

Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais só foram notados pelas políticas de saúde com o advento da epidemia do HIV e da Aids e se tornou caso de saúde pública. Em 2013, é lançada a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), instituída pela Portaria nº 2.836 e é também um marco histórico de reconhecimento de suas demandas em condição de vulnerabilidade. Tal documento norteia e legitima suas necessidades e especificidades⁵.

Foi necessária muita luta das classes oprimidas para que só em 2013 as Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais pudessem ter um documento que norteia as ações específicas de saúde. Mesmo sendo de extrema importância a construção do documento, a Política LGBT não tem garantido o acesso e a integralidade do cuidado. Melo et al (2011) corroboram essa ideia, ao afirmarem que, apesar da existência de vários projetos, programas e outros compromissos do governo federal, relativos ao tema da saúde da população LGBT, o que se pode constatar é que ainda existem vários obstáculos no tocante à efetivação das propostas do governo⁶.

Na área da investigação em saúde tem vindo a ser amplamente reconhecida a importância da produção de evidência que informe políticas e ações de saúde eficazes e sustentadas para melhorias efetivas e ganhos em saúde das populações⁷.

A investigação participativa é definida como uma abordagem colaborativa que envolve de forma equitativa membros da comunidade, representantes de organizações ou instituições governamentais e não-governamentais e investigadores no processo de produção de conhecimento^{8,9}.

O reconhecimento cada vez maior da relevância desta abordagem inovadora reside no seu potencial em possibilitar a produção de um maior conhecimento sobre a saúde das populações mais vulneráveis que se traduza em políticas e estratégias de ação de promoção e proteção da saúde sexual relevantes, mais adaptadas e eficazes nestas comunidades^{10,11,12}.

A partir desse cenário, nosso objetivo é levantar os estudos desenvolvidos à base das pesquisas participativas, de intervenção e de grupos focais que tratem da temática da saúde da população LGBTI+.



MÉTODO

Trata-se de um estudo de revisão integrativa de literatura norteado pela questão: “Quais são as produções já realizadas em relação à saúde das pessoas LGBT+ em que utilizam grupos focais, pesquisa participativa e de intervenção?” A busca e a leitura ocorreram entre os meses de abril/2021 a maio/2021 nas bases de dados PubMed, Embase, Web of Science, Portal Regional da BVS, Cochrane, Google Acadêmico, com descritores controlados disponíveis no DeCS/MeSH da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS): “pessoas LGBT” AND “pesquisa participativa baseada na comunidade” OR “saúde das minorias”.

A busca pelo material ocorreu em quatro etapas: a primeira foi a busca através dos descritores, onde foram encontrados 614 artigos; a segunda fase aplicaram-se os filtros – idioma (português, inglês e espanhol), tipo de estudo (pesquisa qualitativa), e intervalo de tempo (últimos 5 anos – 2016 a 2021), diminuindo para 228 artigos; na terceira fase, fez-se uma análise minuciosa dos títulos que eram compatíveis com o objetivo desta revisão e, em seguida, realizou-se a leitura dos resumos para confirmar essa compatibilidade acordo com os critérios de inclusão: tinha que ser uma pesquisa participativa, pesquisa intervenção, grupos focais e que envolvessem pessoas LGBTI+. Após aplicação destes critérios, foram selecionados 26 artigos, os demais foram excluídos porque não eram pesquisas direcionadas às pessoas LGBTI+, fora do intervalo de tempo estimado, ou outro tipo de estudo.

A apresentação e a discussão dos resultados obtidos serão expostos de forma descritiva, em formato de tabela contendo título, autor(es), ano de publicação, objetivo, metodologia e resultados, possibilitando verificar a aplicabilidade da revisão de literatura.

RESULTADOS

A pesquisa realizada nas bases de dados proporcionou um resultado final de 26 produções científicas. O ano com maior produção de material científico sobre a temática foi o ano de 2019 com 8 publicações, seguido pelo o ano de 2017 com 5, seguido pelos anos de 2018 e 2016 com 4. A tabela 1 (de elaboração dos autores) mostra os resultados detalhados das buscas nas bases de dados selecionadas para o estudo.



Quadro 1. Descrição dos artigos selecionados de acordo com autores, ano, local de publicação, objetivos, métodos, instrumentos e resultados.

Título	Autor(es), Ano e Idioma	Objetivos	Método	Resultados
Estratégia de pesquisa em saúde mental focada em LGBTQ + em resposta ao COVID-19.	GORCZYNSKI e FASOLI (2020) ¹³ . /Inglês	Identificar as disparidades na pesquisa em saúde entre as populações de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, <i>queer</i> e questionadores (LGBTQ +) e pessoas heterossexuais.	Abordagem de pesquisa colaborativa e multidisciplinar em resposta ao COVID19.	Déficit de conhecimento em saúde para as populações LGBTQ + e resultou em poucas intervenções baseadas em evidências que abordam as muitas iniquidades de saúde que afetam desproporcionalmente essas populações ao longo da vida. As evidências apontam para populações LGBTQ + com maiores taxas de doenças crônicas (por exemplo, diabetes, doença coronariana e certas formas de câncer), problemas de saúde social (por exemplo, violência, discriminação, exclusão e solidão) e sintomas e distúrbios de saúde mental.
Adaptação de uma intervenção proativa de cessação do tabagismo para aumentar o uso da linha de parar de fumar por fumantes LGBT.	MATTHEWS et al. (2020) ¹⁴ . /Inglês	Avaliar o conteúdo de uma intervenção pró-ativa de gestão da saúde da população, realizada no contexto de um FQHC. Promover a adesão ao tratamento de cessação do tabagismo oferecido pelo ITQL entre	Abordagem qualitativa. Realizados grupos de foco e entrevistas. Grupo focais para obter feedback sobre a legibilidade, aceitabilidade e relevância motivacional de uma carta de divulgação proativa direcionada e não direcionada.	Foram descritos e organizadas com base em categorias e subtemas. Com base no feedback, a carta de intervenção revisada foi avaliada de forma mais positiva do que a versão inicial: 80% dos participantes indicando que consideraram as informações na carta úteis; além disso, mais participantes relataram que a carta os motivaria a aceitar uma ligação de um conselheiro de linha direta em comparação com a versão inicial (47,6% vs.



		LGBT identificados fumantes.		60,0%, respectivamente); Na iteração final, 60% dos participantes preferiram a carta direcionada, 30% preferiram a carta não direcionada e 10% não tiveram preferência. As mensagens de texto de alcance: na primeira iteração, foram classificadas como inaceitáveis ou completamente inaceitáveis por 54% dos participantes; as mensagens de texto e protocolos revisados foram vistos como inaceitáveis por apenas 10% dos participantes.
Estresse de minoria, ativismo e saúde no contexto de precariedade econômica: resultados de uma pesquisa nacional de ação participativa com jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, <i>queer</i> e não conformes com o gênero.	FROST, David M. et al. (2019) ¹⁵ .	Investigar como jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, e não-conformes de gêneros (LGBTQ e GNC) resistem a fatores sociais prejudiciais e as implicações correspondentes para sua saúde.	Pesquisa nacional participativa de jovens LGBTQ e GNC com idades entre 14-24 (N = 5.860) que vivem nos Estados Unidos.	Modelos de equações estruturais indicaram que a precariedade econômica estava associada a experiências de problemas de saúde. Essa associação foi mediada pela influência negativa do estresse das minorias na saúde, bem como pelo ativismo, que teve uma associação positiva com a saúde. As explicações de estresse minoritário das desigualdades de saúde entre os jovens LGBTQ e GNC podem se beneficiar da inclusão de um foco na precariedade econômica, tanto em termos de seu impacto deletério na saúde quanto em seu potencial para provocar resistência à opressão estrutural na forma de ativismo.



<p>Pequenos tabletes de ouro”: um exame das dimensões psicológicas e sociais da PrEP entre as comunidades LGBTQ.</p>	<p>SUN, Christina J. et al. (2019)¹⁶.</p>	<p>Explorar as dimensões psicossociais e socioculturais do uso da PrEP (a profilaxia pré-exposição ao HIV) entre adultos LGBTQ.</p>	<p>Entrevistamos 23 adultos LGBTQ que eram usuários atuais ou ex-usuários da PrEP.</p>	<p>As experiências dos usuários da PrEP foram moldadas por várias formas de estigma. Os participantes estavam altamente motivados para desafiar o estigma da PrEP e apoiar o uso da PrEP entre outros membros da comunidade. Por último, os participantes descreveram impactos positivos em seu bem-estar individual e em suas parcerias sexuais. As descobertas sugerem que a PrEP tem impactos significativos além dos resultados biomédicos para os indivíduos que usam a PrEP e suas comunidades.</p>
<p>Experiências e percepções de constrangimentos sociais e mudança social entre lésbicas, gays, bissexuais e transexuais no Lesoto,</p>	<p>LOGIE, Carmem H. et al. (2019)¹⁷.</p>	<p>Investigar sobre as percepções de mudança social entre pessoas com diversidade sexual e de gênero em contextos onde as práticas sexuais do mesmo sexo foram recentemente descriminalizadas, como em 2010 no Lesoto.</p>	<p>Conduzimos entrevistas semi-estruturadas em profundidade com pessoas sexualmente e de gênero diversas ($n = 46$) e seis informantes-chave.</p>	<p>Os participantes discutiram as restrições sociais e marginalização <i>estrutural</i> (sistemas jurídicos, emprego, educação), <i>comunidade</i> (crenças de que a diversidade sexual e de gênero são incongruentes com a cultura Basotho; estigma) e dimensões <i>familiares</i> (tensões com religião e tradições econômicas culturais de gênero). As narrativas também revelaram mudanças percebidas em domínios estruturais (mudança de normas nas esferas legal, de emprego e educação), comunidade (comunidade maior e mudança na comunidade LGBTQ), familiar (negociação de aceitação) e domínios internos (resistência ativa).</p>



				As descobertas relatadas aqui podem informar programas multifacetados para desafiar o estigma, a violência e a desigualdade de gênero; construir capital social; e abordar as prioridades de saúde e direitos humanos de pessoas com diversidade sexual e de gênero no Lesoto.
Percepções de necessidades, bens e prioridades entre homens negros que fazem sexo com homens com HIV: ações voltadas para a comunidade e impactos de um processo fotográfico participativo.	SUN, NALL, RHODES (2019) ¹⁸ .	Descrever as necessidades, ativos e prioridades dos HSH negros com HIV que vivem no sul dos Estados Unidos e identificar ações para melhorar sua saúde usando o photovoice.	Pesquisa participativa e colaborativa que combina fotografia documental com discussão em grupo, foi conduzida com seis HSH negros com HIV.	Resultados sugerem que, além de cultivar um rico conhecimento baseado na comunidade, o photovoice pode resultar em mudanças positivas para negros HSH com HIV.
<i>A prevenção do HIV está criando novas biossocialidades entre os gays? Tratamento como prevenção e profilaxia pré-exposição no Canadá.</i>	GIRARD et al. (2019) ¹⁹ .	Como os gays se unem, debatem e às vezes discordam sobre essas tecnologias emergentes de prevenção do HIV.	Baseado em dados do Resonance Project, um projeto de pesquisa baseado na comunidade canadense. Doze grupos de foco (totalizando 86 homens gays e bissexuais) foram realizados em	Os entrevistados veem a UVL e a PrEP pelo prisma de sua experiência geracional de prevenção do HIV. Nesse sentido, as biossocialidades destacam uma dimensão experiencial que está vinculada ao contexto da epidemia de HIV. As biossocialidades da prevenção do HIV também são construídas em torno de identidades sorológicas. No entanto, nosso estudo mostra a



			três cidades canadenses (Montreal, Toronto, Vancouver).	diversidade dessas posições. A análise baseada na biossocialidade é útil para entender melhor como a informação científica circula, dá sentido e gera debate entre os gays.
Processo de implementação e impactos de um HIV participativo - Projeto de pesquisa com populações-chave.	DIAS, GAMA, SIMÕES e MENDÃO (2018) ²⁰ .	Entender a dinâmica epidemiológica do HIV e fatores sócio-comportamentais associados entre esses grupos vulneráveis. Avaliar o impacto do projeto de abordagem participativa, analisando criticamente os processos empreendidos e focando nas vantagens e nos desafios enfrentados.	Abordagem participativa. Uma parceria foi construída por meio de dois Conselhos Consultivos Comunitários (CABs) e uma Comissão Científica (SC). Reuniões regulares, workshops e Grupos de foco foram conduzidos com CABs, SC e parceiros para avaliar os processos e resultados da implementação do projeto.	Produziu processos de mudança com impactos em diferentes níveis: indivíduos, organizações comunitárias, profissionais de saúde, acadêmicos e formuladores de políticas. Vantagens do processo participativo foram encontradas, mas também desafios, evidenciando a natureza dinâmica e complexa de cada etapa do projeto. Mostrou que a pesquisa participativa pode funcionar como uma intervenção. Desencadeou um processo dinâmico e interativo de coprodução e tradução do conhecimento em ações e políticas de saúde voltadas para a comunidade. A pesquisa participativa reproduziu uma aliança inovadora para a prevenção do HIV e a promoção da saúde sexual em resposta às necessidades e prioridades locais. Mais esforços são necessários para sistematizar e avaliar a processos e impactos da pesquisa participativa em saúde.



<p>Um estudo de métodos múltiplos de comportamentos de saúde e preocupações percebidas de mulheres de minorias sexuais em Mumbai, Índia.</p>	<p>JESSAMY N et al. (2017)²¹.</p>	<p>Explorar o estado de saúde percebido e comportamentos de saúde de minorias sexuais (ou seja, autoidentificação com um rótulo de identidade sexual diferente de heterossexual) mulheres (ou seja, aquelas designadas do sexo feminino no nascimento que podem ou não se identificar como mulheres) em Mumbai, Índia, uma população cuja saúde tem estado geralmente ausente na literatura científica.</p>	<p>Abordagens de pesquisa participativa com base na comunidade, este estudo é uma parceria com The Humsafar Trust (HST). HST é a maior e mais antiga organização de defesa LGBT da Índia. Uma pesquisa online direcionada a mulheres de minorias sexuais foi conduzida (n= 49), com perguntas sobre identidade sexual, percepção de saúde e bem-estar, acesso e experiências de saúde física e mental e comportamentos de saúde (incluindo uso de substâncias). Foram conduzidas entrevistas de elicitación de fotos nas quais as fotos dos participantes provocam a discussão da</p>	<p>Mulheres pertencentes a minorias sexuais enfrentam obstáculos nos cuidados de saúde, principalmente relacionados à aceitabilidade e qualidade dos cuidados. O uso de exames preventivos de saúde é baixo. A saúde mental percebida e as experiências com o cuidado foram menos positivas do que para a saúde física. Os participantes em entrevistas de fotoelicitación descreveram questões de peso corporal e cuidados com os membros da família em relação à saúde física. O uso de substâncias funcionou como fator protetor e de risco para a saúde.</p>
--	--	--	--	--



			entrevista com 18 mulheres de minorias sexuais.	
Lições aprendidas com a pesquisa participativa de base comunitária: estabelecendo uma parceria para apoiar o envelhecimento de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros.	WRIGHT et al. (2017) ²² .	Descrever as práticas utilizadas na formação de uma pesquisa participativa de base comunitária (CBPR), parceria envolvendo assistentes sociais, prestadores de serviços de saúde, pesquisadores e membros da comunidade que se comprometam a estabelecer um modelo de envelhecimento LGBT no local denominado Idosos usando suportes para envelhecer nos bairros (SUSTENTAR).	Pesquisa participativa baseada na comunidade. Foi utilizada uma abordagem de estudo de caso para descrever o processo de desenvolvimento de parcerias, refletindo nas atas das reuniões anteriores, relatórios de progresso e entrevistas com os parceiros da SUSTAIN.	As principais práticas de parceria utilizadas pela SUSTAIN incluíram: o desenvolvimento de um compromisso e visão compartilhados; identificar parceiros com esferas de influência que se cruzam em várias comunidades de identidade (serviços de envelhecimento, LGBT, pesquisa em saúde); atender à dinâmica de poder (por exemplo, repartição equitativa de fundos); capacitação da comunidade por meio da aprendizagem recíproca. Embora a parceria tenha sido dissolvida após 4 anos, ela serviu como um catalisador de sucesso para estabelecer uma programação comunitária de apoio ao envelhecimento para idosos LGBT.
Intervenções para envelhecimento saudável entre lésbicas negras	SEELMAN, ADAMS e POTEAT (2017) ²³ .	Investigar sobre as intervenções que promovem o envelhecimento	Abordagem participativa, através de grupos focais. -100 lésbicas negras, com	-Identificado seis temas relacionados às abordagens sugeridas para intervenções em envelhecimento saudável. -Discutimos as implicações



<p>maduras: Recomendações coletadas por meio de pesquisas baseadas na comunidade.</p>		<p>to saudável nessa população, conforme expresso pelas próprias lésbicas negras.</p>	<p>idades entre 41 e 91 anos, participaram de grupos focais para discutir suas experiências de envelhecimento, necessidades de saúde e recomendações de intervenções, por meio da análise temática.</p>	<p>dessas descobertas para a prática do envelhecimento e pesquisas futuras.</p>
<p>Preocupações com a saúde percebidas entre mulheres de minorias sexuais em Mumbai, Índia: um estudo qualitativo exploratório.</p>	<p>BOWLING et al. (2016)²⁴.</p>	<p>Explorar as experiências vividas e as preocupações com a saúde das mulheres das minorias sexuais em Mumbai.</p>	<p>Estudo qualitativo exploratório. Incluiu entrevistas com informantes-chave, um grupo focal composto por seis mulheres e 12 entrevistas pessoais adicionais com mulheres de minorias sexuais para identificar importantes prioridades de saúde física, mental, social e outras da perspectiva dessas mulheres.</p>	<p>Os principais resultados mostraram dados temáticos organizados dentro da estrutura oferecida pelo modelo socioecológico, incluindo os níveis individual, interpessoal, micro e macro podem mostrar as prioridades da saúde de mulheres minorias sexuais declaradas não heterossexuais.</p>
<p>Estratégias de resistência</p>	<p>GARCIA-RABINES</p>	<p>Explorar as estratégias</p>	<p>Os dados foram</p>	<p>Os resultados sublinharam a importância da coesão</p>



<p>com base na comunidade entre um grupo de mulheres trans em Lima, Peru, durante a pandemia COVID-19.</p>	<p>e BENCICH (2021)²⁵.</p>	<p>baseadas na comunidade que um grupo de mulheres trans que vivem em Lima, Peru, empregou para resistir ao impacto negativo da pandemia COVID-19 em seu bem-estar.</p>	<p>coletados por meio de observação participante e discussões em grupo focal durante a implantação de uma campanha de assistência social direcionada a essa população, e analisados por meio de análise teórica temática reflexiva.</p>	<p>social para melhorar os níveis crescentes de precariedade, os líderes comunitários como chave para conectar as mulheres trans em diferentes redes e os esforços unificados de grupos sociais que compartilham valores para influenciar o poder institucional. A análise também capturou barreiras e desafios que poderiam dificultar o desenvolvimento e a articulação do capital social. Promover relações de confiança e organização comunitária deve ser um componente fundamental para programas de direitos que buscam apoiar a comunidade de mulheres trans.</p>
<p>Compreendendo o poder das mídias sociais durante o COVID-19: Formando normas sociais para beber entre mulheres universitárias expansivas de gênero de minoria sexual.</p>	<p>CEREZO et al. (2021)²⁶.</p>	<p>Explorar como as mulheres universitárias expansivas de gênero de minoria sexual interagem com mídias sociais, incluindo conteúdo relacionado ao álcool em sites de redes sociais.</p>	<p>Dois grupos focais foram realizados pessoalmente durante o mês anterior ao fechamento do campus em 10 de março de 2020 devido a um mandato de abrigo no local. Os grupos focais foram então movidos online e também avaliaram como o envolvimento com as mídias sociais,</p>	<p>Usar a mídia social para se conectar com conteúdo e comunidade de minorias sexuais e de gênero (SGM) foi um tema proeminente nas três coortes de coleta de dados. Beber socialmente por meio de sites de redes sociais tornou-se cada vez mais proeminente durante o abrigo no local como uma forma de combater o isolamento, o tédio e o estresse geral de lidar com COVID-19.</p>



			incluindo conteúdo relacionado ao álcool, mudou em resposta ao COVID-19 em um mês e dois meses no abrigo no local.	
Implementação da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSI LGBT) no Paraná, Brasil	SILVA et al. (2020) ²⁷ .	Investigou-se a implementação da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSI LGBT) no Paraná.	Abordagem qualitativa. A partir de quatro grupos focais com 48 participantes.	Foram definidos quatro eixos de análise: acesso da população LGBT à atenção integral à saúde; ações de promoção e vigilância em saúde; educação permanente e educação popular em saúde; e monitoramento e avaliação das ações de saúde. Há lacunas na implementação da política, nos três níveis de atenção à saúde da população LGBT.
As necessidades das pessoas LGBTI em relação às estruturas de saúde, medidas de prevenção e procedimentos de diagnóstico e tratamento: um estudo qualitativo em uma metrópole alemã.	LAMPALZER et al. (2019) ²⁸ .	Investigar as estruturas de cuidados de saúde, medidas de prevenção e procedimentos de diagnóstico, bem como de tratamento que os indivíduos LGBTI precisam para receber cuidados de saúde centrados no paciente e promoção da saúde adequados.	Abordagem participativa, cinco entrevistas com especialistas com pessoas LGBTI com função multiplicadora, ou seja, pessoas que têm um papel fundamental em um determinado meio social que os torna capazes de adquirir e divulgar informações neste e sobre	As necessidades específicas dos indivíduos LGBTI devem ser reconhecidas como algo natural em termos de despatologização, sensibilização, inclusão e consciência. Tal atitude requer conhecimentos básicos sobre questões de saúde relacionadas com LGBTI e conhecimentos específicos sobre serviços de saúde suficientes para cada uma das minorias no contexto de sexo, orientação sexual e identidade de gênero.



			este meio, e foram realizados três grupos focais com pessoas LGBTI e / ou profissionais de saúde. Os dados qualitativos foram analisados de acordo com os princípios da análise de conteúdo.	
Experiências de mulheres de minorias sexuais com a divulgação da identidade sexual no tratamento de anticoncepcionais.	GREENE, Madelyne Z. et al. (2019) ²⁹ .	Descrever as experiências e preferências de um grupo de jovens mulheres de minorias sexuais quanto à revelação da identidade sexual no contexto dos cuidados anticoncepcionais.	Os pesquisadores conduziram cinco grupos focais (n = 22) e 11 entrevistas com mulheres de 20 a 30 anos que se identificaram como algo diferente de heterossexual. Os grupos focais exploraram as normas sociais relativas aos cuidados anticoncepcionais; entrevistas documentaram experiências individuais com cuidados anticoncepcionais. Usando uma abordagem descritiva	Descrição do processo de revelação da identidade sexual nos cuidados anticoncepcionais em três fases:1) ouvir se, quando e como os profissionais de saúde perguntaram sobre orientação sexual, 2) decidir se revelariam ou não a identidade sexual aos provedores e 3) avaliar respostas dos fornecedores após a divulgação.



			qualitativa e uma análise de conteúdo dedutiva e indutiva combinada, os investigadores codificaram as transcrições de temas relacionados à revelação da orientação sexual a fornecedores de anticoncepcionais.	
Experiências de violência de gênero entre mulheres profissionais do sexo, homens que fazem sexo com homens e mulheres trans na América Latina e no Caribe: um estudo qualitativo para informar a programação do HIV.	EVENS, Emily et al. (2019) ³⁰ .	O objetivo deste estudo foi compreender a natureza e as consequências da experiência de Violência Baseada em Gênero, informar as políticas e programas de HIV e ajudar a proteger os direitos humanos de KPs.	Usando uma abordagem participativa, FSWs, HSH e mulheres trans em Barbados, El Salvador, Trinidad e Tobago e Haiti conduziram 278 entrevistas estruturadas com pares para compreender suas experiências e respostas à VBG. As respostas às perguntas abertas foram codificadas no NVivo e analisadas por meio de uma análise temática	Três quartos dos participantes relataram violações sexuais e físicas de VBG e outras violações dos direitos humanos; os ambientes mais comuns para a Violência Baseada em Gênero foram em casa, locais onde acontecia o trabalho sexual, como bordéis, bares e na rua; espaços públicos como parques, ruas e transporte público, centros de saúde, delegacias de polícia e - para mulheres transgênero e HSH - ambientes religiosos e escolas; Eles raramente procuraram serviços após a violência. Além disso, menos de um quarto dos participantes acreditava que a GBV os colocava em risco de contrair o HIV.



			aplicada.	
"O medo é profundo", as necessidades previstas de adultos LGBT mais velhos em cuidados de longa duração.	PUTNEY, Jennifer M. et al. (2018) ³¹ .	Apresentar os resultados de um estudo sobre a comunidade - dwelling LGBT mais velhos adultos 'antecipadas necessidades e medos relacionados com lares de idosos e de vida assistida.	Este estudo qualitativo coletou dados por meio de sete grupos focais. A amostra (N = 50) consistia em adultos identificados com LGBT com 55 anos ou mais. Usamos uma abordagem de análise temática indutiva para a análise de dados.	Este estudo acrescenta à literatura existente sobre as preocupações dos adultos LGBT mais velhos, pois eles antecipam o cuidado de longo prazo. Os resultados sugerem que os adultos LGBT mais velhos procuram ambientes de cuidados residenciais LGBT inclusivos que englobem dois aspectos distintos, mas relacionados, dos cuidados LGBT afirmativos: o procedimental (por exemplo, habilidades culturalmente competentes e conhecimento dos profissionais) e o implícito (por exemplo, os valores e a missão da organização) este documento identifica implicações para a prática, política e treinamento.
"E então quebre o clichê": entendendo e enfrentando a vulnerabilidade e ao HIV por meio do desenvolvimento de uma telenovela de prevenção do HIV com homens que fazem sexo com homens e mulheres trans em Lima, Peru.	GARCIA, Jonathan et al. (2018) ³² .	Compreender e abordar os contextos sociais e os impulsadores comportamentais do risco de HIV e DST entre HSH / TT no Peru.	Condução de 15 workshops com HSH e TW para desenvolver uma intervenção de saúde sexual baseada na comunidade. O desenvolvimento da intervenção consistiu em grupos focais e improvisação cênica para identificar roteiros sexuais para	Três temas identificados durante a novela.-processo de desenvolvimento à medida que os participantes buscavam "reescrever" estereótipos sociais e sexuais associados à vulnerabilidade relacionada ao HIV: (1) gestão de identidades sociais de HSH e TT na interseção de status socioeconômico, sexualidade e desempenho de gênero; (2) construções sociais de gênero e / ou papel sexual e risco (s) percebido (s) e real (is) de HIV / DST nas interações de parceria sexual; e (3)



			<p>uma novela de prevenção do HIV, ou novela espanhola. As oficinas foram estratificadas por status socioeconômico autorrelatado, orientação sexual e identidade de gênero: (1) HSH de baixa renda (n = 9); (2) HSH de renda média / alta (n = 6); e (3) TW (n = 8).</p>	<p>roteiros sexuais idealizados e reais na negociação de práticas sexuais mais seguras entre HSH / TT e seus parceiros. Essas descobertas são fundamentais para reformular as estratégias de prevenção existentes que não conseguem envolver efetivamente "populações de alto risco" mal definidas. Aproveitando a experiência baseada na comunidade,</p>
<p>Exame qualitativo do estigma contra homens gays e bissexuais e resultados de saúde relacionados no Tajiquistão, Ásia Central.</p>	<p>IBRAGIMO V, Umedjon; WONG, Frank Y (2018)³³.</p>	<p>Pesquisar sobre como e de que forma o estigma afeta suas vidas de homens gays e bissexuais.</p>	<p>Conduzimos um estudo qualitativo para examinar o impacto do estigma nas vidas do GBM no Tajiquistão, com foco em agentes do estigma, cenários, fatores que afetam a vulnerabilidade do GBM e consequências para a saúde. Oito entrevistas individuais em profundidade e 3 discussões em grupos focais com 13 participantes (</p>	<p>Os resultados revelam que a polícia frequentemente faz chantagem e perpetrou violência sexual e física contra GBM. Os prestadores de serviços frequentemente discriminam o GBM, limitando seu acesso aos serviços jurídicos e de saúde. A exposição ao estigma resulta em estresse crônico que afeta a saúde mental do GBM. O medo da divulgação, a baixa coesão social, a ausência de líderes de opinião e ativistas proeminentes reduzem a resiliência da comunidade GBM ao estigma. As violações dos direitos humanos das populações marginalizadas sancionadas pelo Estado e a falta de mecanismos de</p>



			N = 21) da comunidade GBM foram realizados em duas cidades do Tajiquistão.	proteção legal eficazes permitiram o assédio generalizado do GBM. Essas descobertas justificam pesquisas adicionais sobre o estigma, levando ao desenvolvimento de intervenções estruturais de vários níveis adaptadas culturalmente e sob medida, incluindo amplas reformas legais e políticas.
Lutando pelo acesso: disponibilidade e, acessibilidade, aceitabilidade e qualidade dos cuidados de saúde para lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros na África do Sul.	MÜLLER, Alex (2017) ³⁴ .	Analisar as experiências de usuários de serviços de saúde LGBT usando o setor público de saúde da África do Sul.	Estudo qualitativo composto por 16 entrevistas semiestruturadas e duas discussões em grupo focal com usuários LGBT de serviços de saúde e 14 entrevistas individuais com representantes de organizações LGBT. Os dados foram analisados tematicamente no âmbito do Comentário Geral 14 do Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, com foco na disponibilidade, acessibilidade, aceitabilidade	Todos os entrevistados relataram experiências de discriminação por parte de profissionais de saúde com base em sua orientação sexual e / ou identidade de gênero. Os participantes relataram violações de todos os quatro elementos do Comentário Geral 14 da ONU: 1) Disponibilidade: Falta de instalações e serviços públicos de saúde, tanto para questões gerais como específicas para LGBT; 2) Acessibilidade: recusa dos profissionais de saúde em fornecer atendimento a pacientes LGBT; 3) Aceitabilidade: Articulação de julgamento moral e desaprovação da identidade de pacientes LGBT e sujeição forçada de pacientes a práticas religiosas; 4) Qualidade: Falta de conhecimento sobre as identidades LGBT e necessidades de saúde, levando a um atendimento de baixa qualidade. Os participantes atrasaram ou evitaram procurar atendimento médico no



			e qualidade do atendimento.	passado e nenhum buscou mecanismos de responsabilização ou reclamação no sistema de saúde
A socioecologia do uso de cuidados de saúde sexual e reprodutiva entre jovens do sexo masculino pertencentes a minorias urbanas.	MARCELL, Arik V. et al (2017) ³⁵ .	Explorar as percepções dos facilitadores / barreiras ao uso de cuidados de saúde sexual e reprodutiva (SSR) entre uma amostra urbana de jovens afro-americanos e hispânicos com idades entre 15 e 24 anos, incluindo minorias sexuais	Condução de grupos focais, entre abril de 2013 e maio de 2014 em uma cidade no centro do Atlântico nos Estados Unidos. Jovens de 15 a 24 anos foram recrutados em oito ambientes comunitários para participar de 12 grupos. O guia do moderador explorou os facilitadores / barreiras ao uso dos cuidados de SSR. Uma breve pesquisa autoadministra da pré-grupo avaliou os dados sociodemográficos e as fontes de informação de SSR dos participantes. A análise de conteúdo foi conduzida e três investigadores verificaram independentem	Os resultados do estudo fornecem uma base para melhor compreender o uso dos cuidados de SSR de homens jovens e considerar maneiras de envolvê-los nos cuidados.



			ente os temas que surgiram.	
"É para nós, recém-chegados, pessoas LGBTQ e pessoas HIV-positivas. Você se sente livre para ser": um estudo qualitativo que explora a participação de grupos de apoio social entre lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros africanos e caribenhos recém-chegados e refugiados em Toronto, Canadá.	LOGIE, Carmen H. et al. (2016) ³⁶ .	Examinar grupos de apoio social voltados para recém-chegados e refugiados LGBT.	Condução de três grupos focais com uma amostra baseada em locais de LGBT africanos e caribenhos recém-chegados e refugiados (n=29) que participaram de grupos de apoio social em uma organização de serviços de AIDS específica para etnologia. Os grupos focais seguiram um roteiro de entrevista semiestruturada e foram analisados por meio de técnicas narrativas temáticas.	As descobertas sugerem que grupos de apoio social feitos sob medida para recém-chegados e refugiados LGBT da África e do Caribe podem lidar com o isolamento social, a resiliência da comunidade e melhorar o acesso aos recursos. Os prestadores de cuidados de saúde podem fornecer grupos de apoio, serviços de saúde competentes em termos culturais e LGBT e acesso a recursos para promover a saúde e o bem-estar dos recém-chegados LGBT e dos refugiados.
"Incompreensão do uso de profilaxia pré-exposição entre homens que fazem sexo com homens: implicações para a saúde pública e políticas".	KURTZ, Steven P. BUTTRAM, Mance (2016) ³⁷ .	Descrever os resultados de uma nova pesquisa qualitativa com uso de substâncias HIV-negativo / desconhecido altamente vulnerável HSH em	Grupos focais com homens jovens que fazem sexo com homens (N = 31) forneceram informações sobre sua compreensão e uso da PrEP.	Poucos entenderam que a PrEP era um regime prescrito pelo médico; a maioria acreditava ser uma pílula tomada antes e / ou depois do sexo e adquirida na rua ou por meio de amigos soropositivos. As implicações para a implementação da PrEP e as políticas de saúde pública são discutidas.



		Miami, Flórida.		
Habitação para pessoas LGBTQ envelhecidas na Suécia: um estudo descritivo de necessidades, preferências e preocupações .	KOTTORP, Anders et al. (2016) ³⁸ .	O objetivo deste estudo foi descrever as necessidades, preferências e preocupações das pessoas LGBTQ de acordo com o envelhecimento e a moradia.	Pesquisa (n = 487) e seis discussões de grupos focais (n = 30), com pessoas LGBTQ, abordagens quantitativas e qualitativas foram usadas para analisar os resultados.	Ao comparar a classificação das preferências (em termos de opções de atividades, características ambientais e competência da equipe) em um ambiente de habitação para idosos entre as pessoas LGBTQ (n = 200) e controles heterossexuais (n = 198), apenas pequenas diferenças foram detectadas. Os resultados dos grupos de foco incluíram: (1) um dilema entre segregação e abertura, (2) a importância da segurança associada ao envelhecimento junto com pessoas com experiências semelhantes, e (3) redes de pessoas em diferentes idades conectadas por meio de amizade íntima apoiada participação em atividades de habitação para idosos com perfil LGBTQ. Os resultados fornecem conhecimento para melhorar a consciência da orientação sexual quando se trata de necessidades e preferências em relação ao envelhecimento e moradia em um contexto sueco.



DISCUSSÃO

O levantamento dos estudos proporcionou conhecimento dos inúmeros estudos realizados e a importância de uma sistematização adequada. Para adentrar na discussão sobre pesquisas participativas, de intervenção e de grupos focais que tratem da temática da saúde da população LGBTI+, voltamos aos resultados, o horizonte neste momento é debater os nexos e os elementos achados.

Em seu estudo os pesquisadores¹³ fizeram uma abordagem de pesquisa colaborativa e multidisciplinar em resposta ao COVID-19, afim de identificar as disparidades na pesquisa em saúde entre a população LGBTQ+ e pessoas heterossexuais. Corroborando com a metodologia adotada, em um estudo¹⁵ fizeram uma pesquisa nacional participativa com 5.860 jovens LGBTQ e GNC com idades entre 14-24, que vivem nos Estados Unidos, afim de investigar como jovens LGBTI+ resistem aos fatores sociais e as implicações que causam em sua saúde.

Pesquisadores¹⁸ realizaram uma pesquisa participativa e colaborativa que combina fotografia documental com discussão em grupo, foi conduzida com seis HSH negros com HIV, afim de descrever as necessidades, ativos e prioridades dos HSH negros com HIV que vivem no sul dos Estados Unidos e identificar ações para melhorar sua saúde usando o *photovoice*.

Pesquisadores¹⁹ analisaram dados um projeto de pesquisa baseado na comunidade canadense Resonance Project., conduzindo doze grupos de foco (totalizando 86 homens gays e bissexuais) realizado em três cidades canadenses (Montreal, Toronto, Vancouver), para identificarem como os gays se unem, debatem e às vezes discordam sobre essas tecnologias emergentes de prevenção do HIV.

Os autores^{20,21,22} utilizaram a abordagem participativa baseada na comunidade em seus estudos: o primeiro construiu-se parceria por meio de dois Conselhos Consultivos Comunitários (CABs) e uma Comissão Científica (SC), com propósito de entender a dinâmica epidemiológica do HIV e fatores sociocomportamentais associados entre esses grupos vulneráveis, ao mesmo tempo possibilitando avaliar o impacto do projeto de abordagem participativa, analisando criticamente os processos empreendidos e focando nas vantagens e nos desafios enfrentados; o segundo foi formada parceria com The Humsafar Trust na Índia., onde foi possível explorar o estado de saúde percebido e comportamentos de saúde de minorias sexuais (ou seja, autoidentificação com um rótulo de identidade sexual diferente de heterossexual); o último foi utilizada uma abordagem de estudo de caso para descrever o processo de desenvolvimento de parcerias, refletindo nas atas das reuniões anteriores, relatórios de progresso e entrevistas com os parceiros, envolvendo assistentes sociais, prestadores de serviços de saúde, pesquisadores e membros da comunidade que se comprometeram a



estabelecer um modelo de envelhecimento LGBT no local denominado Idosos usando suportes para envelhecer nos bairros (SUSTENTAR).

Algumas abordagens participativas, eram associadas aos grupos focais. Em um estudo²³ realizado com 100 lésbicas negras, os autores investigaram sobre as intervenções que promovem o envelhecimento saudável nessa população, conforme expresso pelas próprias lésbicas negras. Outros autores¹⁴ realizaram grupos de foco e entrevistas, com intuito de obter feedback sobre a legibilidade, aceitabilidade e relevância motivacional de uma carta de divulgação proativa direcionada e não direcionada para promover a adesão ao tratamento de cessação do tabagismo entre LGBTI+.

Em uma pesquisa²⁹ onde procuraram descrever as experiências e preferências de um grupo de jovens mulheres de minorias sexuais quanto à revelação da identidade sexual no contexto dos cuidados anticoncepcionais, foram conduzidos cinco grupos focais com mulheres que se identificaram como não heterossexuais. Em uma pesquisa³² com o público similar à pesquisa anterior, realizada no Peru, os pesquisadores conduziram quinze workshops com HSH para desenvolver uma intervenção de saúde sexual baseada na comunidade, abordando os contextos sociais e os impulsionadores comportamentais do risco de HIV e DST entre HSH.

Um estudo³⁰ que procurou compreender a natureza e as consequências da experiência de violência baseada em gênero, e informar as políticas e programas de HIV e ajudar a proteger os direitos humanos, utilizou a abordagem participativa com homens que fazem sexo com outros homens (HSH) e mulheres trans em Barbados, El Salvador, Trinidad e Tobago e Haiti.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o subsídio dos artigos analisados, pode-se afirmar que pesquisas participativas, de intervenção e de grupos focais que tratem da temática da saúde da população LGBTI+ auxiliam na garantia de direitos, na construção e revisão de políticas públicas de saúde destinadas a esta população.

As abordagens utilizadas (pesquisa participativa, grupos focais, pesquisa intervenção) representa uma contribuição importante para futuras pesquisas, pois auxiliam no desenvolvimento de estratégias e mecanismos de avaliação em diferentes e complexas dimensões, bem como entender a dinâmica e mudança que produz ao nível de participação comunitária, da capacitação da rede e do empoderamento.

As abordagens utilizadas pelos autores são de suma importância, o grande desafio da aplicabilidade variaria de contexto, território, visto que a maioria das pesquisas selecionadas não eram de literatura nacional. Pensando nas dificuldades da aplicabilidade e reprodução no Brasil seria um desafio, visto que a população LGBTI+, mesmo com uma política específica, ainda são



estigmatizadas, tem seus direitos lesados, e diariamente são tratados de formas desumanas e desiguais.

São necessários estudos com novas abordagens ou estratégias destinadas a população LGBTI+, ou ainda, é preciso que sejam divulgadas as experiências positivas na prática dos profissionais, e se estas têm realmente impacto na qualidade dos serviços e na satisfação das pessoas LGBTI+, entendendo que esta é a 'peça-chave' de toda a organização do serviço.

REFERÊNCIAS

1 - Butler, Judith.; Rios, André. Desdiagnosticando o gênero. **Physis: Revista Saúde Coletiva**, vol. 19, p. 95-126, 2009.

2 – BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE - MS. **Painel de Indicadores do SUS nº5 – Prevenção de Violências e Cultura de Paz**. Brasília, DF, 2008.

3 - GRUPO GAY DA BAHIA – GGB. Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil. **Relatório 2018**. Bahia, 2019.

4 - FÁBIO, André Cabette. **A Trajetória e as Conquistas do Movimento LGBT Brasileiro**. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajet%C3%B3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBT-brasileiro>

5 – BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE – MS. **Política Nacional De Saúde Integral De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Ministério da Saúde. Brasília: 2013.

6 - MELLO, Luiz. et al. Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. **Sexualidade, Salud e Sociedad**, nº 9, pag.7-28, 2011.

7 - MAYAN, Maria J.; DAUM, Christine. Além da disseminação: Gerando e aplicando evidências qualitativas por meio de pesquisas participativas baseadas na comunidade. Em K. Oslon, RA Young, & IZ Schultz (Eds.), **Manual de pesquisa qualitativa em saúde para prática baseada em evidências**. New York: Springer pag. 441-452, 2016.

8 - DIAS, Sonia; GAMA, Ana. Investigação Participativa Baseada na Comunidade em Saúde Pública: Potencialidades e Desafios. **Revista Panamericana de Salud Pública**, Vol. 35, nº2, pag. 150-154, 2014).



9 - ISRAEL, Barbara et al. Revisão da pesquisa baseada na comunidade: avaliando a abordagem de parceria para melhorar a saúde pública. **Annual Review of Public Health**, Vol. 19, pag: 173–202, 1998.

10 - MACDONALD, Gordon; BUNTON, Robin. Promoção da saúde, desenvolvimentos disciplinares. In R. Bunton & G. Macdonald (Eds.), **Promoção da saúde - disciplina, diversidade e evolução**. Londres, pag: 9-27, 2002.

11 - BUSS, Paulo Marchiori. Promoção da Saúde e Qualidade de Vida. **Ciência e Saúde Coletiva**, Vol. 5, nº 1, pag:163-177, 2000.

12 - CARGO, Margaret; MERCER, Shawna. O valor e os desafios da pesquisa participativa: fortalecendo sua prática. **Annual Review of Public Health**, Vol. 29, pag: 325–350, 2008.

13. GORCZYNSKI, Paul; FASOLI, Fabio. Estratégia de pesquisa em saúde mental focada em LGBTQ + em resposta ao COVID-19. **The Lancet: Psychiatry**, Vol.7, 8ª ed. nº 56, 2020. DOI: [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30300-X](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30300-X), Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366\(20\)30300-X/fulltext#articleInformation](https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366(20)30300-X/fulltext#articleInformation)

14. MATTHEWS, Alicia K., et al. Adaptação de uma intervenção proativa de cessação do tabagismo para aumentar o uso da linha de parar de fumar por fumantes LGBT. **Progresso em Parcerias de Saúde Comunitária: Pesquisa, Educação e Ação**, Vol. 13, nº 5, pag. 71-84, 2019.

15. FROST, David M. et al. Estresse de minoria, ativismo e saúde no contexto de precariedade econômica: resultados de uma pesquisa nacional de ação participativa com jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queer* e não conformes com o gênero. **Revista: American Journal of community Psychology. Society Community Research and Action**. Vol. 63, 3-4ª ed., 2019. DOI: <https://doi.org/10.1002/ajcp.12326>, Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/ajcp.12326>

16. SUN, Christina J. et al. Pequenos tablets de ouro”: um exame das dimensões psicológicas e sociais da PrEP entre as comunidades LGBTQ. **Educação e Prevenção da AIDS**, Vol. 1, pag. 51-62, 2019. Disponível em: <https://guilfordjournals.com/doi/10.1521/aeap.2019.31.1.51>



17. LOGIE, Carmem H. et al. Experiências e percepções de constrangimentos sociais e mudança social entre lésbicas, gays, bissexuais e transexuais no Lesoto. *International Journal for Research, Intervention and Care*, Vol. 21, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/13691058.2018.1498539>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13691058.2018.1498539?scroll=top&needAccess=true>.

18. SUN, Christina J.; NALL, Jennifer L. e RHODES, Scott D. Percepções de necessidades, bens e prioridades entre homens negros que fazem sexo com homens com HIV: ações voltadas para a comunidade e impactos de um processo fotográfico participativo. *American Journal of Men's Health*. 2019. DOI: 10.1177/155798831880490 Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1557988318804901>.

19. GIRARD, Gabriel et al. A prevenção do HIV está criando novas bio-socialidades entre os gays? Tratamento como prevenção e profilaxia pré-exposição no Canadá. *Revista: Sociology of Health e Illness*. Vol. 41, pag: 484-501, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9566.12826>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-9566.12826>.

20. DIAS, Sónia; GAMA, Ana; SIMÕES, Daniel e MENDÃO, Luís. Processo de implementação e impactos de um HIV participativo - Projeto de pesquisa com populações-chave. *BioMed Research International*, Vol., 2018. DOI: <https://doi.org/10.1155/2018/5845218>. Disponível em: <https://downloads.hindawi.com/journals/bmri/2018/5845218.pdf>

21. JESSAMYN, Bowling et al. Um estudo de métodos múltiplos de comportamentos de saúde e preocupações percebidas de mulheres de minorias sexuais em Mumbai, Índia. *Sexual Health*, Vol. 15, pag. 29-38, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1071/SH17042>. Disponível em: <https://www.publish.csiro.au/sh/SH17042>

22. WRIGHT, Leslie A. et al. Lições aprendidas com a pesquisa participativa de base comunitária: estabelecendo uma parceria para apoiar o envelhecimento de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. *Family Practice*, Vol. 34, pag. 330-335, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1093/fampra/cmz005>.

23. SEELMAN, Kristie L.; ADAMS, Mary Anne e POTEAT, Tonia. Intervenções para envelhecimento saudável entre lésbicas negras maduras: Recomendações coletadas por meio de pesquisas baseadas na comunidade. *Journal of Women e Aging*, Vol. 29, pag. 530-542, 2017. Disponível em:



<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08952841.2016.1256733?scroll=top&needAccess=true>

24. BOWLING, Jessamyn et al. Preocupações com a saúde percebidas entre mulheres de minorias sexuais em Mumbai, Índia: um estudo qualitativo exploratório. **Culture, Health & Sexuality**, Vol. 18, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13691058.2015.1134812?scroll=top&needAccess=true>

25. GARCIA-RABINES, Diego; BENCICH, Bruno. Estratégias de resistência com base na comunidade entre um grupo de mulheres trans em Lima, Peru, durante a pandemia COVID-19. **Journal of Homosexuality**, Vol. 68, 4ª ed. 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00918369.2020.1868189?scroll=top&needAccess=true>

26. CEREZO, Alison et al. Compreendendo o poder das mídias sociais durante o COVID-19: Formando normas sociais para beber entre mulheres universitárias expansivas de gênero de minoria sexual. **Journal of Homosexuality**, Vol. 68: 4ª ed. pag. 560-576, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00918369.2020.1868183?scroll=top&needAccess=true>

27. SILVA, Amanda de Cassia Azevedo et al. Implementação da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSI LGBT) no Paraná, Brasil. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. Vol. 24, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.190568>, <https://doi.org/10.1590/Interface.190568>.

28. LAMPALZER, Ute et al. As necessidades das pessoas LGBTI em relação às estruturas de saúde, medidas de prevenção e procedimentos de diagnóstico e tratamento: um estudo qualitativo em uma metrópole alemã. **International Journal Environmental Research and Public Health**. Vol 16, 19ª ed., 2019. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph16193547>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/16/19/3547/htm>

29. GREENE, Madelyne Z. et al. Experiências de mulheres de minorias sexuais com a divulgação da identidade sexual no tratamento de anticoncepcionais. **Obstetrícia e Ginecologia**, Vol. 133, 5ª ed., pag: 1012-1023, 2019. Disponível em:



https://journals.lww.com/greenjournal/Abstract/2019/05000/Sexual_Minority_Women_s_Experiences_With_Sexual.23.aspx

30. EVENS, Emily et al. Experiências de violência de gênero entre mulheres profissionais do sexo, homens que fazem sexo com homens e mulheres trans na América Latina e no Caribe: um estudo qualitativo para informar a programação do HIV. **Revista: BMC International Health and Human Rights**, Vol. 19, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12914-019-0187-5>. Disponível em: <https://bmcinthealthumrights.biomedcentral.com/track/pdf/10.1186/s12914-019-0187-5.pdf>

31. PUTNEY, Jennifer M. et al. "O medo é profundo", as necessidades previstas de adultos LGBT mais velhos em cuidados de longa duração. **Journal of Gerontological Social Work**, Vol. 61, Ed.8, pág:887- 907, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/01634372.2018.1508109>

32. GARCIA, Jonathan; PEREZ-BRUMER, Amaya; CABELLO, Robinson et al. "E então quebre o clichê": entendendo e enfrentando a vulnerabilidade ao HIV por meio do desenvolvimento de uma telenovela de prevenção do HIV com homens que fazem sexo com homens e mulheres trans em Lima, Peru. **Arch Sex Behav**. Vol. 47, pág: 1995–2005, 2018. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-1119-x>

33. IBRAGIMOV, Umedjon e WONG, Frank Y. Exame qualitativo do estigma contra homens gays e bissexuais e resultados de saúde relacionados no Tajiquistão, Ásia Central. **Saúde Pública Global**, Vol. 13, 5ª ed. pág: 597-611, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17441692.2016.1224910>

34. MÜLLER, Alex. Lutando pelo acesso: disponibilidade, acessibilidade, aceitabilidade e qualidade dos cuidados de saúde para lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros na África do Sul. **BMC Int Health Hum Rights**. Vol. 17, nº 16, 2017. Disponível em: <https://bmcinthealthumrights.biomedcentral.com/track/pdf/10.1186/s12914-017-0124-4.pdf>

35. MARCELL, Arik V. A socioecologia do uso de cuidados de saúde sexual e reprodutiva entre jovens do sexo masculino pertencentes a minorias urbanas. **Journal of Adolescent Health**. Vol. 60, 4ª ed. pág:404-410, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2016.11.014>. Disponível em: [https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(16\)30867-9/fulltext#](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(16)30867-9/fulltext#)



36. LOGIE, Carmen H. et al. É para nós, recém-chegados, pessoas LGBTQ e pessoas HIV-positivas. Você se sente livre para ser": um estudo qualitativo que explora a participação de grupos de apoio social entre lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros africanos e caribenhos recém-chegados e refugiados em Toronto, Canadá. **BMC Int Health Hum Rights**, Vol.16, nº 18, 2016. Disponível em: <https://bmcinthealthhumrights.biomedcentral.com/track/pdf/10.1186/s12914-016-0092-0.pdf>
37. KURTZ, Steven P. e BUTTRAM, Mance E. Incompreensão do uso de profilaxia pré-exposição entre homens que fazem sexo com homens: implicações para a saúde pública e políticas. **Saúde LGBT** Vol. 3, nº 6, pag. 461-464, 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5165658/pdf/lgbt.2015.0069.pdf>
38. KOTTORP, Anders et al. Habitação para pessoas LGBTQ envelhecidas na Suécia: um estudo descritivo de necessidades, preferências e preocupações. **Scandinavian Journal of Occupational Therapy**, Vol. 23, 5ª ed., pag. 337-346, 2016.